Participação restrita

A participação feminina no cooperativismo reproduz em gênero, número e grau a mulher na sociedade brasileira



AS MULHERES CONSTITUEM 51% da população brasileira e 40% da população economicamente ativa – PEA. (Em 1940, as mulheres eram apenas 17% da PEA, embora fossem metade da população.) Ainda assim a questão de gênero prossegue sendo objeto de debates e estudos, pois até hoje sua participação na economia e no mercado de trabalho fica muito aquém do que se poderia esperar, em vista de sua importância demográfica e social.

Não se trata apenas de um problema brasileiro. As Conferências Mundiais da Mulher têm sido palco de muitas reivindicações e denúncias – México (1975), Copenhague (1980), Nairóbi (1985) e Beijin (1995). Na conferência de Beijin, a ênfase foi dada à igualdade entre homens e mulheres, incluindo a igualdade nas esferas de poder e de decisão.

Não é diferente o quadro da participação da mulher no âmbito do cooperativismo. Foi oportuna a iniciativa de dedicar um dos módulos do Primeiro Censo das Cooperativas Brasileiras à análise do gênero nas cooperativas. A pesquisa foi feita em conjunto com o módulo relativo ao perfil do dirigente cooperativista e se propôs a fazer um mapeamento do lugar da mulher nas cooperativas, visando preparar um segundo momento em que a questão venha a ser levantada entre as próprias mulheres.

Mulheres no cooperativismo: alguns números

A pesquisa revelou a existência de 38.063 mulheres associadas às cooperativas.

Os resultados das cooperativas amostradas indicam, portanto, que do total de cooperados ativos apenas 14% são mulheres, participação extremamente baixa quando se considera que as mulheres constituem um pouco mais da metade da população brasileira e 40% da PEA.

A distribuição dos associados entre os diversos ramos de atuação do cooperativismo é, evidentemente, influenciada pelo número de cooperativas existentes em cada ramo e um exame dos números absolutos não é significativo. Em termos relativos, verifica-se que a participação das mulheres varia entre 4,3% dos associados ativos de cooperativas agropecuárias e 44%, no caso das cooperativas de saúde.

O número médio de mulheres associadas às cooperativas varia de 428 nas cooperativas de consumo a 27 nas cooperativas agropecuárias. O número médio de mulheres associadas a cooperativas no conjunto da amostra foi de 107 contra 513 associados homens.

Se a participação das mulheres já é pequena quando se considera o quadro de associados, ela é ainda mais reduzida quando se toma como referência a diretoria das cooperativas. Sua participação no quadro dirigente varia de 2%, no caso das diretorias de cooperativas agropecuárias, a 39%, no das cooperativas habitacionais. Na média de todos os segmentos essa participação é de 14% – bem inferior à de outros países latino-americanos para os quais se dispõe de dados, como 32% na Colômbia e 29% no Panamá.

Em números absolutos, a diretoria das cooperativas amostradas reúne 560 mulheres e 3.587 homens. Das cooperativas observadas apenas cerca de 20 (7,7%) são presididas por mulheres.

Há correlação muito estreita entre o ano de fundação da cooperativa e a participação feminina: quanto mais recente a cooperativa, maior o número de mulheres em relação ao total de associados. Das que contam mais de 50% de mulheres, 5% foram fundadas antes de 1970 e 90% depois de 1980.

Trata-se, na verdade, de um reflexo do contexto social brasileiro: quando se examinam outras instituições sociais, sejam clubes, associações de classe, sindicatos ou até mesmo empresas, registra-se o mesmo fato. É bem recente a Lei nº 9.100/95, que torna obrigatória uma cota de participação feminina nas listas de candidatos às eleições legislativas, para que a representação política dos cidadãos se torne mais adequada à realidade de gênero da sociedade brasileira. Vários partidos afirmam ter dificuldade de preencher essa cota.

No quadro funcional das cooperativas brasileiras, se observa uma situação próxima da registrada no conjunto da economia. A participação das mulheres oscila entre 22% do total de funcionários nas cooperativas agropecuárias e 78% nas educacionais. Na média da amostra, 28% do quadro de funcionários das cooperativas é constituído por mulheres.

O fato de a participação das mulheres na vida da cooperativa ser bem mais marcante no quadro funcional do que no quadro de associados/dirigentes reflete a situação da mulher na sociedade. No mercado de trabalho a maioria das mulheres tende a ocupar cargos inferiores e menos bem remunerados, em geral longe dos centros de decisão.

Apesar das limitações da abordagem (o questionário da pesquisa seria respondi-



do por um dirigente da cooperativa), alguns aspectos interessantes se destacaram. Nas cooperativas classificadas segundo participação percentual da mulher no quadro total de associados, observa-se uma correlação muito estreita entre o ano de fundação da cooperativa e a participação feminina. Em outras palavras, quanto mais recente a cooperativa maior o número de mulheres em relação ao quadro total de associados. Das cooperativas com mais de 50% de mulheres no quadro associativo, 5% foram fundadas antes de 1970 e 90% depois de 1980. Nas cooperativas onde elas são menos de 10%, 47% foram fundadas antes de 1970 e 37% depois de 1980.

Nas perguntas quanto a campanhas para atrair associadas, estímulo à participação feminina em cargos de direção, promoção de atividades voltadas para o interesse da mulher, o número de respostas positivas decresce para cerca de 11%. O resto fica na declaração de intenções.

Pode-se presumir que nas cooperativas de fundação mais recente predomina uma mentalidade mais moderna, explicando o duplo movimento pelo qual a participação das mulheres seria até incentivada pelo conjunto de associados, enquanto as próprias mulheres se sentiriam mais à vontade para se associar a uma cooperativa onde sua participação é encarada como natural.

Mas há um outro aspecto da questão que talvez seja ainda mais interessante em termos de compreensão da participação da mulher no cooperativismo – o que se refere à combinação de ano de fundação da cooperativa e seu ramo de atuação. Constata-se, *grosso modo*, que os ramos agropecuário, de consumo e de crédito são ramos de atuação em que se encontram cooperativas mais antigas, ao passo que os de saúde, educação e serviços, por exemplo, são ramos onde se concentram as cooperativas criadas mais recentemente.

Por esse ângulo, há uma diferença na participação da mulher no quadro associativo que até certo ponto independe do ano de fundação da cooperativa. Encontramos uma presença forte das mulheres nas cooperativas de saúde, mas nas cooperativas educacionais essa participação é bem menor do que se poderia esperar. Há poucas mulheres nas cooperativas agropecuárias, mas um número relativamente maior delas nas cooperativas de crédito.

A chave para esse aparente enigma parece estar na relação entre família e ramo de atuação da cooperativa. No caso das cooperativas agropecuárias isso é muito claro: segundo a norma do cooperativismo de que cada associado representa um voto, quem se associa à cooperativa é o homem – marido, cabeça de casal. Dado que na atividade agropecuária ainda é freqüente o sistema familiar, a mulher fica automaticamente excluída da participação cooperativista, a menos que seja viúva. (As solteiras em geral ainda estão no estabelecimento dos pais.)

Algo semelhante parece ocorrer no caso das cooperativas educacionais. Como bom número delas é constituído de pais de alunos, quem se associa é o homem e a mulher só participa de modo indireto.

Já no caso das cooperativas de saúde, em grande parte compostas de médicos exercendo suas atividades profissionais, a mulher tem possibilidade de se associar diretamente. No caso de um casal de médicos, ambos poderiam estar associados a uma cooperativa de saúde.

Regionalmente, as cooperativas com mais de 50% de associadas se concentram no Sudeste, região onde é maior a presença de mulheres nas cooperativas. O Norte é a área geográfica em que se registra sua maior ausência: apenas 67% das cooperativas declaram a presença de mulheres em seu quadro de associados.

Mulheres no cooperativismo: algumas questões

A pesquisa fez algumas perguntas destinadas a avaliar o marco institucional em que se insere a participação da mulher em suas atividades.

A pergunta feita sobre a existência de iniciativas para aumentar a participação das mulheres na cooperativa revela que em 39% das cooperativas pesquisadas foi tomada alguma iniciativa nesse sentido. Como seria de esperar, as respostas afirmativas foram bem mais numerosas nas cooperativas com mais de 50% de mulheres em seus quadros (52%) e bastante reduzidas em cooperativas sem registro de mulheres associadas (10%). Contudo, é surpreendente que o grupo em que houve mais respostas afirmativas tenha sido o das cooperativas com menos de 10% de associadas: 65% responderam que a cooperativa tinha tomado alguma iniciativa nesse sentido.

Mudanças à vista? Parece cedo para pensar nisso. A mesma pergunta lista alguns tipos de iniciativa – campanhas para atrair novas associadas, estímulo à participação feminina em cargos de direção, promoção de atividades voltadas para o interesse da mulher – e o número de respostas decresce para cerca de 11%. O resto fica na declaração de intenções.

Outra indagação foi se a cooperativa conhecia alguma iniciativa, no movimento cooperativista, destinada a aumentar a participação das mulheres. Das cooperativas da amostra, 70% declararam desconhecer tais iniciativas. O desconhecimento é generalizado, independentemente da participação de mulheres no quadro associativo.

Foi perguntado ainda se a cooperativa



planejava algum estímulo futuro à participação feminina. As respostas afirmativas variaram entre 52% nos casos em que as mulheres têm participação superior a 50% do quadro associativo e 45% no caso das cooperativas em que não há associadas.

Também foram listadas três razões para justificar a falta de tais planos: porque as mulheres já participam satisfatoriamente, porque não há interesse dos associados em geral, porque as mulheres nunca reivindicaram participação maior ou mais efetiva. Nas cooperativas em que não há mulheres, 16% atribuíram essa ausência ao fato de que não há interesse dos associados em geral e 13% o atribuíram à falta de interesse das próprias mulheres. Já nas cooperativas com menos de 10% de associadas, o desinteresse das mulheres foi o fato considerado mais relevante para explicar a falta de intenções de estimular o ingresso de mulheres na cooperativa.

Outra pergunta foi relativa ao conhecimento de alguma iniciativa, no movimento cooperativista, destinada a aumentar a participação das mulheres. As respostas revelam um desconhecimento do assunto que talvez seja indício de uma falta de troca de experiências entre as cooperativas: 69% delas não conhecem qualquer iniciativa nesse sentido. Das cooperativas que conhecem tais iniciativas, a maioria as considera bem-sucedidas. Todas as cooperativas do grupo em que a participação feminina supera os 50% consideram que tais iniciativas deram certo, e até naquelas em que não se encontraram mulheres associadas a maioria dos que conhecem tais iniciativas considera que elas funcionaram a contento.

A pergunta final foi: o estatuto da sua cooperativa prevê o estímulo à participação da mulher nas atividades da cooperativa? Em 82% dos casos, o estatuto não trata do assunto. Paradoxalmente, em 19% das cooperativas em que as mulheres estão ausentes do quadro associativo, o estatuto prevê o estímulo à participação das mulheres – percentual bem superior ao das cooperativas em que as mulheres compõem mais de 50% do quadro (13%).

Conclusões da pesquisa

- A participação das mulheres como associadas e dirigentes de cooperativa ainda é bastante restrita. Somente no setor de saúde o número de mulheres associadas a cooperativas excede a participação de mulheres na PEA (45% e 40%, respectivamente). Nas cooperativas agropecuárias há pouquíssimas mulheres.

- Dependendo do ramo de atuação da cooperativa, a presença da mulher pode estar sendo oculta pelo tipo de divisão de tarefas dentro da família, como no caso das cooperativas agropecuárias. Neste caso, se confirmados em estudos orientados nesse sentido, a maior participação da mulher na vida da cooperativa teria que passar por mudanças estatutárias que dessem ao casal, e não ao indivíduo, a possibilidade de associação.

- As cooperativas parecem dar pouca atenção às questões de gênero em seu dia-a-dia. Apenas 7% prevêem em seus estatutos qualquer incentivo ao aumento da participação das mulheres em suas atividades e 21% registram a existência de algum departamento voltado para atividades de interesse da mulher. O percentual de cooperativas que declaram ter tomado alguma iniciativa no sentido de aumentar a participação feminina é de 38%.

- O desconhecimento da questão de gênero é confirmado pelo fato de que 31% das cooperativas não responderam à pergunta relativa a planos futuros de estimular a participação das mulheres e de que 70% afirmaram não conhecer qualquer iniciativa de outras cooperativas nesse sentido.

- O fato de um número alto de cooperativas não conhecer iniciativas tomadas por outras mostra que falta comunicação entre elas, o que impede que iniciativas bem-sucedidas de aumento da participação feminina se disseminem.

- Mas há um conjunto de cooperativas em que se vislumbra um avanço nesse sentido. Afinal, 48% declaram ter planos futuros para estimular a participação feminina e dos 22% que conhecem tais iniciativas em outras cooperativas, 19% consideram que foram bem-sucedidas. Também é animador saber que dos 12% de cooperativas que prevêem em seus estatutos estímulos ao aumento da participação das mulheres em suas atividades, mais da metade considera que a experiência vale a pena.

A participação das mulheres como associadas e dirigentes de cooperativa ainda é bastante restrita. Somente no setor de saúde o número de mulheres associadas a cooperativas excede a participação de mulheres na PEA (45% e 40%, respectivamente).

Participaram da pesquisa: Maria José Cyhlar Monteiro, Daniela de Paula Rocha, Rogério Ferreira de Souza e os estagiários Gregory Honczar e Alessandra Santos Vaz. Apoio técnico, Bruno da Silva Júnior.